



Fotojornalismo: um olhar além da imagem¹

Bianca Rocha Gouveia²
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Iremos analisar como o fotojornalismo é um seguimento necessário na sociedade e de que maneira ele provoca o processo e empatia e a denúncia das mazelas sociais, uma característica emanante do processo de globalização e da desigualdade social. A pesquisa irá se embasar nos apontamentos de Barcelos (2009), Sontag (2003), Sousa (2002) e Albornoz (2005), acerca do fotojornalismo como instrumento de denúncia social, expondo sua evolução histórica, os principais fotógrafos pioneiros da época, a relação existente entre a sensibilidade humana e o impacto visual. Além de destacar a essencial influência do olhar fotográfico de Sebastião Salgado em análise a algumas de suas obras, os registros fotográficos da Serra Pelada (1986).

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Fotojornalismo; Registro; Memória.

INTRODUÇÃO

A fotografia foi uma das primeiras grandes tecnologias que conseguiu abrir o olhar da sociedade para uma nova reflexão sobre a realidade. Sendo considerada por Walter Benjamin (1992), uma reprodução verdadeira e revolucionária. A partir do ato fotográfico, o momento é congelado e podemos criar vários pensamentos e opiniões acerca daquele fragmento visual, exercitando e estimulando o nosso olhar crítico e conseqüentemente as nossas sensações psíquicas e físicas. Uma imagem pode nos transmitir implicitamente ou explicitamente múltiplos sentimentos e sensações, de forma instantânea. Seu poder enquanto uma fonte estimulante é indiscutível. Por meio de sua potência singular, somos surpreendidos com diversos pensamentos que vagam na mente humana e conseqüentemente a nossa imaginação também é ativada

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”.

² Graduada no curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: bianca.apenas@gmail.com



por meio de um singelo olhar diante da imagem, principalmente quando ela é um fragmento do real.

Sendo esta, uma de suas grandes capacidades, não é à toa que as fotografias fotojornalísticas sejam utilizadas pela imprensa, no intuito de causar o impacto social, já que a mídia também percebe o quanto a sociedade se tornou imagética e o quanto o fotojornalismo possui uma carga apelativa e viciante. Quanto mais somos surpreendidos com o impacto, mais queremos consumi-lo para comprovar a impossibilidade e brutalidade dos fatos.

Perante esse cenário e enfatizando a importância do fotojornalismo, iremos apresentar alguns pioneiros que foram fundamentais para a ascensão desse seguimento. Além de explanar como ele serve de instrumento e possui caráter denunciante. Destacando também, a participação do fotógrafo Sebastião Salgado e o trabalho de humanização presente em algumas de suas obras, a exemplo da exposição *The Serra Pelada Gold Mine* (1986).

O fotojornalismo e a denúncia social

O fotojornalismo foi valorizado quando a fotografia ganhou espaço e importância na imprensa, sendo considerada um instrumento midiático de importância. Inicialmente, foi utilizado como uma forma de registrar guerras. Um dos casos mais antigos foi o da Guerra de Secessão (1861-1865), quando pela primeira vez fotógrafos foram enviados para fazer a cobertura fotográfica da guerra. Posteriormente, vários conflitos bélicos aconteceram, o que direcionou a fotografia para o campo da reportagem, reforçando a importância de seu uso e fortalecendo seu significado. Fotógrafos como Felice Beato trabalharam fortemente nesse período, fotografando situações delicadas e chocantes, “a morte e as ruínas que se seguem às batalhas, com foco na represália do poderio militar britânico” (BARCELOS, 2009, p.8). Ao divulgar situações fortes, mórbidas e violentas, diversas pessoas que não conviviam com aquela realidade eram atingidas.

A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta. Não sofrer com essas fotos, não



sentir repugnância diante delas, não lutar para abolir o que causa esse morticínio, essa carnificina — para Woolf, essas seriam reações de um monstro moral. E, diz ela, não somos monstros, mas membros da classe instruída. (SONTAG, 2003, p.7)

Outros fotógrafos cobriram conflitos nessa época, todavia seus registros tinham teorias duvidosas sobre o recorte do real. As fotos eram posadas intencionalmente para trazer impressões mais positivas das guerras, ocultando o verdadeiro impacto delas. Como exemplo, temos o fotógrafo Roger Fenton em participação na guerra da Criméia ou o próprio Robert Capa no famoso registro intitulado “Morte de um soldado republicano” (1936). Sontag (2003) reforça que há algumas hipóteses de que a foto de Capa não mostra o que alega e menciona a utilização do literalismo por alguns fotojornalistas.

De extrema importância na história do fotojornalismo também foi o fotógrafo Lewis Hine, que possuía um caráter denunciante em suas obras, era a chamada fotografia de compromisso social. Ele fazia várias críticas às péssimas condições públicas e por meio de suas fotos, conseguiu trazer reflexão, empatia e conseqüentemente uma ação prática e benéfica. Hine teve um grande marco sociológico ao culminar através de suas denúncias a Lei do Trabalho Infantil. “As imagens que nos chegam por meio do olhar dos fotojornalistas nos ajudam a construir uma realidade e interferem na visão que temos do mundo.” (BARCELOS, 2009, p.7).

Em meados do século XX, com a fomentação da fotografia enquanto registro e o avanço das técnicas, o público passou a observar o fotojornalismo de uma forma diferente, havia uma busca pela veracidade dos fatos e eles encontraram na fotografia uma forma de comprovação.

Segundo Barcelos (2009), nessa época, houve mais interpretação e sensibilidade diante do registro fotográfico, o que consolida o fotojornalismo como instrumento essencial. De acordo com a autora, um dos casos marcantes foi a execução de Ruth Brown em 1928 na cadeira elétrica, pelo assassinato de seu marido, um registro feito pelo fotógrafo Tom Howard. Eram as fotochoques, que ganhavam cada vez mais a cena pela veracidade do registro. Seguindo os apontamentos de Sousa (2002) a partir das teorias de Ledo

Andión (1988), a foto-choque se caminhou para um território de sensibilidade e consequentemente, emoção.

Desde os anos 1930 houve uma necessidade de que os registros fossem feitos cada vez mais em torno da veracidade momentânea. Outros fatos e conflitos impactantes sendo registrados pelas lentes dos fotógrafos, acabaram culminando em denúncias e protestos sociais durante o tempo.

Nesse contexto, também se destaca o trabalho do fotógrafo espanhol Francisco Boix, que utilizou a fotografia como prova ao registrar cenas cruéis enquanto era prisioneiro nos campos de concentração de Mauthausen-Gusen de 1941 a 1945. De acordo com Matos (2017) os negativos escondidos por Boix foram utilizados como comprovação dos fatos e identificação dos militares responsáveis pelo cenário violento ao qual os prisioneiros eram submetidos. Essas fotos causaram comoção e impacto na sociedade ao serem publicadas posteriormente na revista *Regards*.

Foto 1: Prisioneiro morto no campo de Mauthausen-Gusen (BOIX, s/d)



Fonte: Google imagens.

Captar uma morte no momento em que ocorre e embalsamá-la para sempre é algo que só as câmeras podem fazer, e fotos tiradas em campanha no momento (ou imediatamente antes) da morte estão entre as fotos de guerra mais festejadas e mais freqüentemente reproduzidas. (SONTAG, 2003, p.26)



Levando em conta a forma como as imagens nos sensibilizam ou não, percebe-se que essa sensibilidade é desenvolvida no decorrer das nossas vidas, a partir das situações que vivenciamos. Quando estamos acostumados a ver cenas cotidianas agradáveis, por exemplo, sofremos um choque ao ter contato visual com uma cena destrutiva que fuja da nossa realidade. “Nosso fracasso é de imaginação, de empatia: não conseguimos reter na mente essa realidade” (SONTAG, 2003, p7).

O que causa diversas sensações não é a imagem em si, mas o que ela nos transmite a partir de seu contexto e da construção imagética feita por nossa mente, para que lugar vamos e de quem lembramos. De tal forma afirmou o professor Ken Light em uma entrevista ao fotógrafo Sebastião Salgado “Eu olho para estas fotos e me sinto como se eu estivesse lá. Estou dentro da história, estou dentro de suas vidas” (LIGHT *apud* SIMI, 2004, UCtelevision).

Todavia, apesar da sensibilidade natural do ser humano, atualmente vivemos em uma sociedade que se acostumou com as mazelas sociais e parece tentar ocultá-las do seu meio de vida, banalizando a dor do outro. É justamente tentando trazer reflexão e auxiliar o processo de humanização que o fotojornalismo aparece mostrando a realidade nua e crua em que muitas pessoas vivem.

Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual. (SOUSA, 2002, p.10)

A partir do contato visual, por mais rápido que ele seja, desenvolvemos várias sensações, emoções, sentimento de impotência, tristeza, mas também de reflexão e compaixão, o que em muitos casos se materializa em ações sociais.

É por meio da denúncia fotojornalística que identificamos a problemática dos outros e passamos a refletir sobre a real situação do mundo em que vivemos. Percebe-se que apesar dos avanços tecnológicos e de uma melhoria da estrutura social como um todo, ainda existem pessoas que chegam a morrer



pela falta do que é básico a vida, expostas a péssimas condições de trabalho, correndo risco de doenças e morte. São problemas ambientais e sociais gerados pelo nosso próprio estilo de vida, das desigualdades, do egoísmo e de um sistema que ainda é falho e não beneficia todas as pessoas necessitadas, como veremos na prática, em alguns registros de Salgado.

Sebastião Salgado: Um olhar sensível na Serra Pelada

Sebastião Salgado é brasileiro, economista, fotojornalista e um dos profissionais mais destacados da fotografia humanista. Já ganhou vários prêmios e hoje é nomeado um dos principais fotojornalistas do mundo, sendo possuidor de uma técnica fotográfica peculiar e um olhar crítico bem desenvolvido acerca dos problemas sociais. A partir de suas obras, Salgado busca enfatizar a realidade de pessoas que convivem com a desigualdade, miséria e destruição, reflexo da própria sociedade globalizada ao qual estamos inseridos. Uma realidade esquecida e banalizada que choca ao ser exposta com tanta verdade pela lente fotográfica do mesmo.

A partir de seu trabalho humanizado ele gera reflexão social diante de tristes realidades. Salgado já percorreu uma grande parte do mundo retratando o sofrimento de pessoas que vivem em situações precárias na periferia da sociedade.

Segundo Albornoz (2005), diferentemente de alguns jornalistas que chegam ao local de interesse, fazem seu material e se retiram, Salgado passa várias semanas conhecendo as pessoas e as circunstâncias em que elas vivem. Ele viaja em terceira classe, convive com a precariedade durante dias e noites, compreendendo o modo de vida de uma realidade diferente da sua. O fotógrafo vê e sente na pele como é viver em situações extremas, para assim, transmitir sentimento e trazer reflexão por meio da imagem.

É assim que a comunicação que Salgado estabelece com as pessoas vivendo em condições extremas se traduz numa imagem que parece capturar a alma dos retratados, nos transmitindo, ao mesmo tempo, um sentimento de eternidade desse momento (ALBORNOZ, 2005, p.4)



Uma característica do trabalho do fotógrafo é a técnica do preto e branco aplicada a suas obras. Sua intenção é não trazer o foco da imagem para as cores, mas para a situação retratada. Dessa maneira, o impacto do espectador tende a ser mais direto, no primeiro contato visual a mensagem será mais chocante e surtirá um efeito maior sob a observação do leitor. Seu trabalho é feito com tanta fidelidade que isso transpassa a imagem e toca a alma daquele que a observa, gerando sensibilidade e empatia.

Nada no mundo é em branco e preto. Mas o fato de eu transformar toda essa gama de cores em gamas de cinza me permitiam fazer uma abstração total da cor e me concentrar no ponto de interesse que eu tenho na fotografia. A partir desse momento, eu comecei a ver as coisas realmente em branco e preto. (SALGADO apud VINICIUS, 2014, s/p)

Salgado é um artista de olhar sensível e crítico que por meio de suas obras tenta transparecer tudo o que sente e o que deseja ser visível a população. O fotógrafo humanista possui um histórico de registros que estão focados em problemas recorrentes na sociedade contemporânea. A partir do seu trabalho fotojornalístico ele faz denúncias as mazelas sociais, provocando uma reflexão crítica e sociológica a uma população que está acostumada com o consumismo, tecnologia e globalização. São problemas que muitas vezes passam despercebidos pelo juízo social, ou são ocultados para poupar a boa visão sociológica do mundo. "Fotografo a realidade que está acontecendo. Não provooco aqueles fatos, eles fazem parte da nossa história", afirmou o fotógrafo.

Em uma de suas exposições, *The Serra Pelada Gold Mine* (1986), Salgado expõe as péssimas condições trabalhistas e detalha os riscos mediante ambientes desapropriados, sujeira, falta de estrutura e esforço físico excessivo dos trabalhadores de mineração da Serra Pelada. Retratando em vários fragmentos fotográficos as mazelas ao qual diariamente eram submetidos.

Foto 2: Serra Pelada (SALGADO, 1986)



Fonte: Google imagens.

Além de denunciar a condição trabalhista, ele também faz uma crítica ao desmatamento da natureza já que os mineradores com seu trabalho de garimpo, agrediam de forma brusca o ambiente.

Levados pelos ventos do sonho e da liberdade: assim os homens chegaram à Serra Pelada. Ninguém foi levado à força, mas uma vez lá todos se tornaram escravos da possibilidade da fortuna e da necessidade de suportar, sobreviver. (SALGADO apud MACHADO, 1996, p.15)

Foto 3 e 4: Serra Pelada (SALGADO, 1986)



Fonte: Google imagens.

Salgado constrói narrativa por meio de seus registros, ao mesmo tempo em que denuncia, valoriza a vida de muitos trabalhadores que convivem com



péssimas condições, mas necessitavam do trabalho para se manter. Os coloca como protagonistas de uma história, como sobreviventes. É também uma forma de preservar a memória, o fragmento histórico retratado, a vivência rotineira dos trabalhadores na Serra Pelada. Somos apresentados a uma realidade que muitas vezes parece distante da nossa, mas ela existiu, e as fotos comprovam que esses fatos aconteceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seguimento fotojornalístico é de extrema potência, um instrumento que carrega múltiplos significados. Seu caráter denunciante é enfatizado a partir da união entre o fotógrafo e um recorte do real. Por meio das imagens, somos apresentados a cenas chamativas e impactantes. É graças a essa carga que conseguimos expurgar nossos sentimentos e desenvolver o processo de empatia em relação ao outro.

Dessa forma, enaltecemos o quanto essa categoria se faz necessária e importante para trazer reflexão e fortalecer o processo de humanização. Ilustramos a importância desse seguimento com o exemplo de obras feitas pelo fotojornalista Sebastião Salgado, que a partir de imagens provocativas, estimula a sensibilidade e transporta o leitor para o fragmento retratado. O apelo visual presente em registros como esses, podem contribuir gerando ações práticas visto que o indivíduo comovido, reflete sobre suas próprias atitudes e no que tem feito para ajudar o próximo.

Ao capturar esse recorte do real, seja ele natural ou insinuado, o fotojornalismo criou narrativas e preservou a memória de pessoas e fatos marcantes. Até hoje, o trabalho de diversos fotojornalistas serve como referência e comprovação. É a partir desses registros que temos conhecimento visual de acontecimentos importantes dos quais somente as palavras não satisfazem nossas crenças. Eles são referências de conhecimento temporal à medida que contribuem no entendimento sobre nossos antepassados, valores culturais e sociais, auxiliando a preservação de memórias históricas.



III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)
Campina Grande, PB
26 a 30 de Outubro de 2020



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Carla Victoria. **Sebastião Salgado**: o problema da ética e da estética na Fotografia Humanista. Rio de Janeiro, 2005.

BARCELOS, Janaina Dias. **Fotojornalismo**: dor e sofrimento. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Portugal, 2009.

BONI, Paulo César e MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia**: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Londrina, 2007.

HIRATA, Tatiane; ALMEIDA, Pauline. A Fotografia como um meio de denúncia social, 2008. **Conexão Ciência**. Disponível em: <http://www.conexao-ciencia.jex.com.br/noticias/a+fotografia+como+um+meio+de+denuncia+social>. Acesso em 18 de abril de 2016.

MACHADO, Rodrigo. Arquivos fotobiográficos do trabalho. **Revista Ipotesi**, v.16, n.1, p. 79-86, 2012.

MATOS, Venerando António Aspra. Francesc Boix, o fotógrafo do inferno. **A forma e a luz**, 2017. Disponível em: <https://aformaealuz.blogspot.com/2017/06/francesc-boix-o-fotografo-do-inferno.html>. Acesso em: 1 de maio de 2019.

SIMI, Gianluca. Sebastião Salgado: A dor dos outros também é a nossa, 2012. **O viés, jornalismo a contrapelo**. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/artigos/2012/01/sebastiao-salgado-a-dor-dos-outros-tambem-e-nossa/>. Acesso em: 18 de abril de 2016.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Editora Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. 2002.

VINICIUS, Marcelo. Por trás das fotografias de Sebastião Salgado, 2014. **Obvious**. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/cafe_ao_te_deixa_mais_cult/2014/04/por-de-tras-das-fotografias-de-sebastiao-salgado.html. Acesso em: 18 de abril de 2016.